

Tecelões de histórias: trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias

Telma Bessa Sales

Pesquisadora - CNPQ/UFC/FUNCAP

RESUMO: Este artigo analisa experiências e memórias de trabalhadores da indústria têxtil no Ceará, especificamente na fábrica Finobrasa, grupo Vicunha, no momento da greve de 1988. A partir das narrativas e interpretações do vivido, apresenta uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos. É um estudo que busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo e utiliza a metodologia da história oral.

PALAVRAS-CHAVE: trabalhadores; experiências; memórias.

ABSTRACT: This article discusses experiences and memories of workers in the textile industry in the state of Ceará, Brazil, specifically, at the time of the strike of 1988 in the factory Finobrasa, which belongs to the Vicunha group. From the narratives and interpretations of life, presents an approach which sees the workers in his actions and reactions, resistance and acceptance, not only as a spectator or victim of events. It is a study that seeks the experiences of workers in their own become, expressing their subjectivities and visions of the world, using the methodology of oral history.

KEYWORDS: workers; experiences; memories

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento sobre *Memórias e Experiências de Trabalhadores Têxteis no Ceará (1950-2000)*, desenvolvida a partir da inserção em atividades acadêmicas na Universidade Federal do Ceará.¹

Busca explicitar a pluralidade de experiências e narrativas de trabalhadores têxteis na cidade de Fortaleza, no final dos anos oitenta do século XX. São homens como o Sr. Tarcísio Araújo, o Sr. Antônio Ibiapino e Sr. Geraldo Ferreira, que, originários de cidades do interior do Ceará, como Quixeramobim, Meruoca e Sobral, desenvolveram suas vidas na capital cearense e constituem o contingente de trabalhadores da categoria têxtil.

Estes compõem o conjunto de operários da Fábrica Finobrasa (Grupo Vicunha), que em agosto de 2008 apresentava mil trabalhadores na ativa e vivia um processo de transferência de localidade: a fábrica saía dos arredores de Fortaleza para o Distrito Industrial no Município de Maracanaú, cidade a 15 quilômetros de distância de Fortaleza. A criação do Distrito Industrial de Maracanaú, há pouco mais de

40 anos, faz parte da política de desenvolvimento industrial implantada pelo então governador Virgílio Távora. Trata-se do mais importante distrito industrial do Estado, concentrando um terço da produção cearense no setor. É também o segundo colocado no ranking de arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Reúne cerca de 100 empresas de diversas áreas de atuação, como têxteis, metalurgia e mecânica, papel e papelão, vestuário e calçados, além de serviços de construção. Gera mais de 15 mil empregos diretos.

As primeiras indústrias têxteis cearenses datam ainda do século XIX, no período conhecido como República Velha, que compreende os anos de 1889 a 1930. Conforme apontam os estudos de FIUZA (1989), as fases de industrialização de fiação e tecelagem no Ceará podem ser compreendidas a partir da seguinte subdivisão temporal: 1ª fase: 1800 a 1900; 2ª fase: 1900-1930; 3ª fase: 1930-1950. Segundo a autora, a indústria têxtil cearense pode também ser caracterizada pela produção de fios para redes e algodão cru para sacarias. Esta produção era alocada para o mercado local e regional, sendo que não chegou a ter projeção nacional. No recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 1920, entre 17 estados produtores, o Ceará ocupou o décimo lugar.

É importante considerar que o setor de fiação e tecelagem significou a consolidação da produção fabril no Estado, e que este representa um importante papel no delineamento urbano da cidade de Fortaleza e da formação da classe operária cearense. As indústrias têxteis representam, até 1930, uma grande fonte de riquezas para o Ceará, aglutinando mão-de-obra e acelerando o processo de urbanização das cidades.²

Foi na década de 1950 que as indústrias têxtil, alimentícia e metalúrgica da capital cearense instalaram-se nos bairros Carlito Pamplona, Barra do Ceará e Pirambu, bairros circunvizinhos industriais. Essas indústrias são exemplos de que, nos últimos anos, a indústria vem incorporando novos padrões tecnológicos, eliminando postos de trabalho e promovendo a exclusão de trabalhadores do processo produtivo industrial.³

Nessa linha de reflexão, o texto *Herança de diferenciação e futuro de fragmentação*, de BACELAR (1997), aponta dados interessantes.⁴

O pólo têxtil e de confecções de Fortaleza desponta como um dos importantes centros do setor, tanto em âmbito regional como nacional. Entre 1970 e 1985 o número de estabelecimentos têxteis do Ceará cresceu de 155 para 358, enquanto os ligados à confecção passavam de 152 para 850. O parque têxtil e de confecções de Fortaleza é competitivo nacionalmente e, no caso da fiação, internacionalmente, em virtude de sua atualização tecnológica.

A industrialização do Ceará registrou crescimento constante com indicadores excepcionais nos anos de 1960, 1970, e finais dos anos de 1990. Cada período contou com peculiaridades e políticas de desenvolvimento, o que resultou na criação do Distrito Industrial do Maracanaú, com fábricas têxteis como a Beatriz Têxtil, inaugurada em agosto de 2000 e que ocupa uma área de 13.800 metros quadrados em um terreno de oito hectares. A fábrica produz basicamente o fio fantasia ideal na

produção de redes de dormir, barbantes, cordas, tecidos decorativos e de confecção (Distrito Industrial – 40 anos).⁵

Igualmente, conforme pesquisa de PIRES (1995), entre 1991 e 1995, observa-se em Fortaleza uma redução do contingente de pessoas ocupadas no subsetor de transformação, com queda de 25,28% do sexo masculino e 35,51% da força de trabalho feminina.⁶ No ano de 1991, 44,4% da população ocupada no setor formal em Fortaleza possuía carteira assinada e 51,8% correspondia ao setor informal. Dessa população, 70,4% recebia até dois salários mínimos e apenas 1,6% recebia mais de dez salários mínimos. A importância deste debate hoje é evidente e mesmo urgente, se pensarmos no que ocorre atualmente em termos de transformações no sistema de produção e métodos de trabalho, como também no impacto vivido pelos trabalhadores.

Percebemos que este tema enfrenta, em suas diferentes nuances, e nas várias disciplinas que o aprofundam, uma pluralidade de elaborações. Muito se tem produzido nesta temática e os debates se tornam mais intensos, indicando que a discussão sobre os trabalhadores, o trabalho, a reestruturação produtiva na indústria brasileira é bem diversificada. Neste momento, convivem o velho e o novo, nas formas de implementação de mudanças assumidas pelas empresas, transformando os ambientes fabris no Brasil, causando impactos para os trabalhadores, estabelecendo novas relações de trabalho e outras formas de controle sobre estes, eliminando postos de trabalho e extinguindo profissões.

Nesta direção, diversos processos e/ou etapas podem ser analisados e relacionados ao crescimento da indústria têxtil brasileira, destacando sua importância pela capacidade de promover o desenvolvimento regional, além do potencial de ganhos, em termos de competitividade e hoje significativa participação no mercado internacional do complexo têxtil, como apontam MONTEIRO e CORREIA (2002).⁷ Nos últimos anos, é possível identificar algumas transformações a serem consideradas, dentro de um processo mais amplo de reestruturação produtiva, no aspecto da produção do setor têxtil, e ruptura com os modelos anteriores de produção. A modernização do parque têxtil atingiu de forma diferenciada as várias regiões do país, levando-se em conta a heterogeneidade das indústrias.

Na análise sobre as transformações recentes da indústria têxtil brasileira, MASSUDA (2002)⁸ aponta um movimento acentuado de expansão e crescimento deste setor na região Nordeste e uma relativa redução deste na região Sudeste. Ocorreu, de fato, um deslocamento das unidades de produção da região Sudeste, em especial do interior, e da região Sul, para o Nordeste brasileiro. A região Sudeste abrigava 3.239 estabelecimentos no ano de 1992. Em 1999, 1835 estabelecimentos. A participação relativa da região passou de 68% para 53%, nos mesmos anos, respectivamente.

O estado de São Paulo sofreu a maior queda em números absolutos: 1070 unidades industriais foram extintas. Somente em Americana (SP), um dos importantes pólos têxteis do país, mais da metade das 800 indústrias existentes em 1980 foram eliminadas. Ao mesmo tempo constata-se a expansão no número de indústrias no Nordeste. Em 1992, 395 (8,3% do total brasileiro) localizavam-se nessa região. Em

1999, contava com 472 (13,7%) estabelecimentos. O Ceará se tornou grande pólo calçadista e um importante centro têxtil — criado sem que fosse preciso esmagar as tradicionais fábricas artesanais de renda —, com 450 tecelagens, entre as quais se destaca a unidade da paulista Vicunha. Em ambos os setores, o Ceará já ocupa a terceira posição entre os estados produtores do Brasil.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se desenvolve usando a metodologia da História Oral. Diferentemente da maior parte dos documentos dos quais se vale a pesquisa histórica, as fontes orais não são, de fato, “achados” do historiador, mas construídas em sua presença, com a sua direta e determinante participação, o que significa que se trata de uma fonte relacional, em que a comunicação vem sob a forma de troca de olhares (*entre/vista*), de perguntas e de respostas, não necessariamente em uma só direção. A ordem do dia do pesquisador entrelaça-se com a ordem do dia do narrador: aquilo que o pesquisador deseja saber pode não coincidir inteiramente com aquilo que as pessoas entrevistadas desejariam contar. O resultado é que a agenda da pesquisa pode ser radicalmente transformada nesse encontro, não só ter que ampliar o âmbito da investigação, mas também transformar a ótica e o ponto de vista, graças ao impacto dos narradores. De acordo com FERREIRA e AMADO (1996),

Poucas áreas, atualmente, têm esclarecido melhor que a história oral o quanto à pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligado, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é sempre construção.⁹

ENTREVISTAS

A pesquisa segue com a realização de entrevistas com oito trabalhadores selecionados (a partir de conversas iniciais com um trabalhador, constrói-se uma lista de nomes, indicações concretas daqueles que participaram da greve). O roteiro estabelecido contém uma lista de tópicos que deve orientar as entrevistas, que não forma um questionário rígido. O pesquisador tem a liberdade de organizar os tópicos ou questões de acordo com as necessidades, as condições reais impostas pelo processo de entrevista e as respostas dos entrevistados. Através das entrevistas os sujeitos poderão falar de si mesmos, de suas experiências, falar de seus filhos, do que pensam sobre o futuro, do mundo hoje, pois se colocam frente ao fato de serem entrevistados, usam uma chave que abre infinitas lembranças, memórias que são a história vivida por elas, em um determinado tempo e espaço.

Nessa direção, a experiência do entrevistador não está pautada na relação de hierarquia. Busca-se relações entre iguais, entre pessoas diferentes que dialogam. Assim, o pesquisador também é “estudado” pelo seu narrador, portanto há sempre duas visões. Reconhecer isso é criar um ambiente de confiança e uma relação com o

narrador. Na lida com a fonte oral, o pesquisador participa de forma efetiva da produção das fontes. É ele quem elabora as perguntas, ainda que não obtenha as respostas que anseia.

Ao enfatizar as memórias dos trabalhadores cearenses, a subjetividade permeia toda a pesquisa, e ao lidar com a narrativa e a memória das experiências, reconhecendo-as como permeadas de valores e sentimentos, não há como o historiador abster-se da sensibilidade da fala do narrador. Nessa direção, o trabalho se pauta na utilização de depoimentos orais, considerando as narrativas dos sujeitos na vida cotidiana, não separadas dos processos sociais vividos, em que se destaca o *ir além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam (...) as verdadeiras raízes da vida*, conforme aponta HOGGART (1973).¹⁰

O “FIO DA MEADA”

A pesquisa na área da História Social do Trabalho veio através do envolvimento com as pastorais sociais, com a militância sindical e política, a participação de movimentos sociais, atuando ao lado de trabalhadores nas greves e demais atividades sindicais. Isto proporcionou uma visão analítica das complexas relações sociais no mundo do trabalho, além da percepção da constituição do movimento operário, o conhecimento prático das diversas formas de organização dos trabalhadores nos locais de trabalho, além do “chão da fábrica”. Esta dinâmica de mobilização nos idos de 1980 reunia militantes de todos os credos, partidos clandestinos, para atividades mobilizadoras de parcelas da sociedade.

Para CHALHOUB (2001), esse tempo foi caracterizado como o ressurgimento das mobilizações sociais pela derrubada da ditadura, por eleições diretas, campanha das Diretas Já, enfim, era *um momento histórico raro, desses em que a crença no futuro vira experiência coletiva*.¹¹

Nesta dimensão, o foco deste artigo se volta para o ano de 1988. Feliz Ano Velho! Há três fatos destacados na memória: a) Greve dos trabalhadores Têxteis de Fortaleza, no mês de maio; b) ocupação da CSN – Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda/RJ pelo exército brasileiro em novembro; c) a promulgação da Constituição cidadã no mês de dezembro. Os eventos acima citados são da “agenda nacional”, fatos históricos estudados nas diversas áreas do conhecimento, e para historiadores, que buscam relacionar as experiências e trajetórias dos sujeitos em suas pesquisas, memórias e interpretações do vivido, enfim, os modos de vida, a cultura destes, a história tem algo mais a dizer do que os eventos em si mesmos.

Na tentativa de contar e escrever histórias sobre momentos importantes dos têxteis em Fortaleza, procuro perceber as experiências destes, com movimentos e tensões. Valorizar as interpretações e significados do vivido, enfim, compartilhar com PORTELLI (1997)¹² quando indica uma metodologia de trabalho menos preocupada com eventos do que com significados.

Sobre a greve da CSN, sabe-se que fora invadida pelo exército durante uma greve de 17 dias, ferindo 46 trabalhadores e assassinando os operários William Fernandes Leite, de 22 anos, Valmir Freitas Monteiro, de 27 anos, e Carlos Augusto

Barroso, de 19 anos. No Primeiro de Maio de 1989, foi inaugurado em Volta Redonda o memorial a William, Valmir e Barroso, projeto do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. É possível ter acesso à documentação doada pelo Sindicato ao Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, dias antes da invasão.¹³ Como aponta SANTANA (2003)¹⁴ havia uma mobilização grevista nacional que envolvia mais de um milhão de braços cruzados em diferentes setores e cidades. Para este autor, os anos de 1980 e a transição para 1990 ocorreram num processo de transição democrática e reorganização da sociedade brasileira e fazem parte de um contexto mais amplo, nos anos oitenta, de lutas pela redemocratização, pela participação popular na constituinte.

Esse processo se constituiu na construção da Assembléia Nacional Constituinte, onde os populares tiveram uma participação extraordinária, com 72.719 sugestões com temas sobre reforma agrária, liberdade e autonomia sindical, população indígena, meio ambiente etc. Em especial, cito a subcomissão dos direitos dos trabalhadores e servidores públicos, que agregava assuntos como: lei de greve, salário mínimo, direito sindical, etc. que consta na Constituição em seu capítulo II, com o título “dos direitos sociais”.¹⁵

Essa “onda de democratização” foi inovadora e contribuiu para um intensificar das reivindicações dos trabalhadores. Vide os metalúrgicos do ABC paulista, que foram personagens importantes no processo que buscou romper o silêncio imposto pela ditadura, abrindo novos caminhos para um país democrático, ainda na década de 1970.¹⁶ Em Fortaleza, esta movimentação também agitou a cidade e os trabalhadores têxteis dinamizaram efetivamente este período de mobilizações. Com esses trabalhadores, aprendi a ouvir e a falar. Com eles andei, encontrei-me e me perdi. Meu caminho se cruzou com o deles num determinado momento e, juntos, construímos histórias.

A partir desse contexto, o trabalho de pesquisa é permeado de reflexões sobre as experiências vividas e narradas pelos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico¹⁷, dialogando com suas experiências, subjetividades e visões de mundo. Para isso, cabe pensar as relações sociais vividas pelos trabalhadores, os sentidos que estes atribuem à vida na cidade, como vão se construindo historicamente na relação com os outros trabalhadores, com a comunidade, a família, considerando que essa dinâmica social é contraditória, vivida num campo de forças conflituosas além do trabalho no chão da fábrica, além do seu engajamento social e/ou político, enfim, as diversas maneiras de ser, trabalhar e ver o mundo. Considerando essas análises, é enriquecedor discutir as experiências dos trabalhadores têxteis, na tentativa de desvendar práticas e lutas destes, suas marcas, como demarcam seus lugares, constituem modos de viver, morar e trabalhar, relacionando a realidade das lutas sociais por direito tanto ao trabalho como à greve, direito aos espaços de moradia e melhores condições de vida.

A GREVE DE 23 DIAS

Os trabalhadores têxteis entrevistados expressam através de suas narrativas as percepções e sentimentos durante a presença na greve de maio de 1988. Demonstram que estavam, naquele momento, sendo e tornando-se protagonistas

de uma história que, continua sendo, em certa medida, negligenciada, conforme indica FENELON (1992), mesmo considerando os avanços de pesquisas e estudos no campo da história social:

A preocupação de acompanhar as realizações apenas das lideranças e dos segmentos ativistas do proletariado obscureceu o exame da vivência (...) negligenciou forças culturais importantes, incluindo-se aí a vida em família, os hábitos e costumes sociais, a religiosidade (...) enfim, o viver no campo e na cidade em uma época de transformação¹⁸.

Pensando nesta perspectiva é que não se trata de um estudo dos segmentos organizados dos trabalhadores, mas sim de uma história operária sob todos os aspectos e não somente do movimento operário, embora reflita sobre o protagonismo dos trabalhadores têxteis numa atividade mobilizada pelo sindicato — a greve de 1988.

A análise da trajetória e da experiência dos trabalhadores durante a greve, este momento excepcional é considerado ao analisar as narrativas e documentação, ao mesmo tempo em que as condições de vida e trabalho, o cotidiano operário, etc. Ou seja, não são objetos de análise separados, dicotômicos, mas são faces de uma mesma história: são temas aliados sob o olhar atento do historiador que segundo BATALHA (2000), *invade um terreno antes ocupado pela sociologia e ciência política. A partir dos anos 80 o historiador desenvolve sua investigação com temáticas como cultura operária, mulher trabalhadora, etc.*¹⁹

Ao considerar as trajetórias destes trabalhadores, dentre os entrevistados, há aqueles que participaram ativamente deste processo e, em especial, de uma greve que ocorreu no mês de maio de 1988. É sobre esta greve que nos fala Tarcísio Araújo, residente no bairro do Pirambu (Cristo Redentor). No dia nove de maio de 1988, ele se desloca para o seu trabalho, na fábrica Finobrasa, como faz até hoje. Ao ingressar na Finobrasa, em 1983, trabalhou na função de ajudante de operador. Passados vinte e cinco anos, ele continua como operador de máquina.

Naquele dia, Tarcísio Araújo mudaria toda sua rotina de trabalho. A greve obtivera a participação de todos os trabalhadores do seu setor. Vinte trabalhadores participam da greve. Funcionário da empresa há cinco anos, Tarcísio ajuda no processo de mobilização da categoria durante todo o período grevista. Ao lembrar-se desse momento, ele nos conta de forma mais ampla a paralisação em toda a fábrica. Hoje, como dirigente sindical, tem uma visão abrangente desse processo, o que possivelmente dá o “tom” de sua narrativa. Ele destaca a participação do coletivo e não somente sua participação individual no movimento. Chama atenção a forma como Tarcísio Araújo constantemente reforça a sua condição de participante do movimento grevista, “sendo um trabalhador comum”. Hoje tem estabilidade no emprego e, ao falar de suas memórias, aponta para o medo e a insegurança que tinha, a compreensão do que estava vivendo, enfim, a própria constituição enquanto trabalhador organizado em sua entidade de classe. É ele quem fala sobre os primeiros dias de greve.

Tarcísio Araújo: Foi geral, paremo, foi geral. Por exemplo, começamos a greve lá dez horas, dez da noite, tem a turma que entra de dez às seis, aí a turma não entrou, a turma de dez, ficou cem por cento fora, cem por cento é total, né, aí quando che-

gou a turma de seis às duas, cem por cento, também ninguém entrou, de duas às dez, também. Eu sei que passou os cinco primeiros dias assim, cem por cento. Não entrava ninguém, aqueles que queriam entrar, a gente não deixava.²⁰

Sua fala é permeada de orgulho por ter participado durante todo o processo, embora considerasse ser perigoso, pois “não tinha muito tempo de empresa”. Ele cruza tempos, nomes de pessoas, e vai se revelando, desde seu primeiro emprego como vendedor ambulante, sua afirmação como chefe de família, pai de dois filhos e hoje como diretor sindical.

Convém retornar e estar atento à fala de Tarcísio Araújo sobre a greve. Nesse dia nove de maio, durante a manifestação organizada pelo sindicato em frente à fábrica, houve confronto com policiais. Esta não foi uma manifestação como as que já haviam acontecido, com discursos, passeatas, bandeiras da Central Única dos Trabalhadores (CUT), pois o confronto entre trabalhadores e policiais causou alteração na organização da polícia. O enredo da greve é traçado por este trabalhador que testemunhou a preparação, realização e os momentos de tensão desse dia de greve. Vale a pena continuar com sua narrativa:

Tarcísio Araújo: Cada um de nós combinou assim, cada turno em vez de passar para trabalhar, ia lá pra concentração, que na época era a Igreja de São Judas, por exemplo, eu entro de seis às duas, quando dava seis horas, eu tava lá na Igreja de São Judas lá, aí ficava até duas horas... Aí lá tinha várias assembléias, tinha reuniões, a gente fazia manifestações na rua em frente à fábrica, sabe como é que é, né, convocar a imprensa, aí quando dava as duas horas da tarde, chegava a turma que entrava de duas às vinte e duas, né. Aí a gente saía, aqueles que quisessem podia continuar lá, a turma de duas às dez, ficava até as dez horas, fazia as mesmas coisas, tinha assembléia, aí fazia manifestações na rua, ia falar com o povo, aquele negócio todo, né. Quando dava umas dez da noite, a turma de dez da noite chegava e às duas horas ia, tá entendendo? Aí o revezamento era assim. Assim, nós permanecemos os dias todinhos, até o último dia... A gente pra fazer manifestação, todo dia passava em frente à empresa, aí a polícia tentava impedir, aí começava aquele confronto e a peia comia, mas não faltava polícia lá, era vinte e quatro horas polícia lá em frente à empresa.²¹

Tarcísio Araújo se coloca numa perspectiva na qual aparece figurando como testemunha ou personagem solidária com os personagens principais. É sua intenção destacar o tratamento de choque que presenciou e, mais ainda, falar da violência mais intensamente durante toda a narrativa sobre a greve. Seu discurso é de que consegue correr e não é atingido por cassetetes, balas de borrachas e gás lacrimogêneo, que dispersam os trabalhadores. Disposto a contar suas histórias, Tarcísio apresenta a dinâmica da greve. Greve como processo educativo, em que se refletiam assuntos, assistiam à televisão e participavam de reuniões. E faz análises dos temas e das publicações na grande imprensa. Ao falar sobre como transcorria o dia-a-dia da greve, ele afirma:

Porque lá onde nós tava tinha duas televisão, né, dois aparelhos de TV, né. Além da gente ver pela TV, via no jornal, todo dia ia o jornal pra lá. Comprava cada tipo de jornal, *Tribuna*, na época era *Tribuna*, o *O Povo* e já tinha o *Diário*, aí cada um comprava. O pessoal lá da greve, nós não tinha dinheiro pra comprar, aí eles traziam: vamos ver as manchetes hoje. Aí aquele jornal ia passando, aí tinha o dia todinho pra

gente ver, né, não tava trabalhando mesmo... Dependendo do jornal distorcia, né, as coisas, por exemplo, o *Diário do Nordeste*, ele sempre puxava mais pro lado da empresa. Aí teve um dia que até um deputado chegou a apanhar da polícia, o deputado João Alfredo apanhou, inclusive, no outro dia saiu uma manchete no jornal, se eu não me engano foi no jornal *Tribuna do Ceará*, num tem aquela charge que eles faz, aquela parte, aí tinha o desenho e um policial, chegava perguntando: “você é ladrão ou deputado?” Aí o cara respondia: “deputado”, “então pegue”... Tem colegas meus, que eu vi eles apanharem mesmo, inclusive chegavam com hematomas... Teve um colega nosso que apanhou, que chegou até a ir para o hospital.²²

O confronto entre trabalhadores e policiais teve grande repercussão: todos curiosos e preocupados com o desfecho da greve naquele dia. Afinal, como se pode constatar, nas narrativas, a violência deixou vários feridos, inclusive um deputado que fora agredido. O que acontecia ali, num bairro da periferia de Fortaleza, ia tomando vulto, dia após dia. As notícias corriam “boca a boca”. Os bairros vizinhos também viviam o clima agitado das ruas paralelas à Avenida Olavo Bilac, que foi interditada, e onde os operários foram “proibidos de andar em grupos”. Isto é o que ilustra o então presidente do Sindicato dos Trabalhadores em entrevista ao jornal *Tribuna do Ceará*, dia 11 de maio de 1988, Antônio Ibiapino:

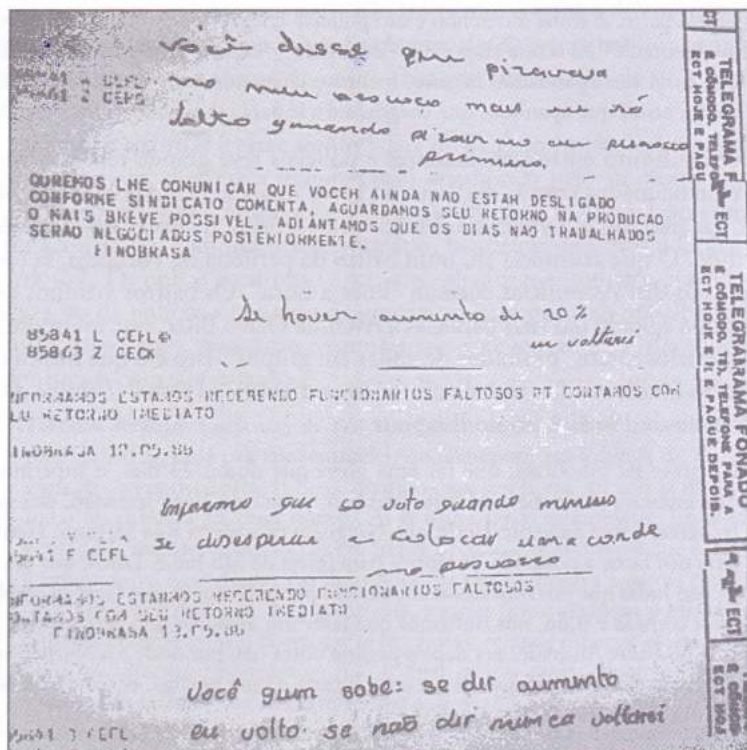
Na greve da Finobrasa, que foi uma greve que durou 23 dias, o superintendente da Finobrasa se chamava Nahme Jereissati, primo do Tasso Jereissati, eles na época fecharam a Rua Sargento Hermínio. Ninguém passava na Rua Sargento Hermínio, e para nós fazer, a nossa ida da fábrica para Igreja de São Judas Tadeu, que era a Igreja de São Judas que nós ficávamos, era o nosso ponto de apoio, pra fazer assembleia, pra fazer comida e tudo, nós tínhamos que fazer um arroteio sem precedentes, a gente ia lá no Padre Andrade, pra depois pegar a outra rua, por onde é o North Shopping, ninguém podia ir, porque ali era uma vacaria e uma pocilga, então ali era só mato, era um pântano, era uma lagoa.²³

Tudo começou num clima de tensão. Os trabalhadores estavam cada dia mais decididos a permanecer em greve até o atendimento das reivindicações: acréscimo de vinte por cento de ganho real em cima dos cem por cento de IPC, mais três por cento de produtividade, direito à insalubridade e periculosidade, fim das demissões por justa causa na condição de faltas, equipamento de proteção, fim do trabalho aos domingos. Desde o “chão da fábrica”, os conflitos entre o chefe e os trabalhadores iam se acirrando cada vez mais. É o que explicita Tarcísio Araújo num fragmento de sua narrativa:

Tarcísio Araújo: O Flávio Meneses, que era o chefão, o senhor Meneses era o manda-chuva da Finobrasa, depois do dono era ele, né, aí ele disse uma piadinha lá com os trabalhadores: “rapaz, trabalhador que não quiser trabalhar aqui, eu piso no pescoço dele e mando ele pra fora”. Aí por causa dessa palavra foi que os ânimos da rapaziada lá aumentou: rapaz, vamos parar. Aí pronto, aí já foi o início, né, aí começamos, também, não foi assim, de uma hora pra outra, teve assembleia, aquele negócio todo.²⁴

Sobre esse episódio, da idéia da greve como processo e construção coletiva, há destaque à reação dos trabalhadores à opressão que estes sentiam a partir das atitudes e falas do chefe/gerente da fábrica Finobrasa. Ou seja, durante o período da greve,

telegramas foram enviados à residência dos trabalhadores como forma de “pressão” para a volta ao trabalho. Localizamos alguns destes, já contendo as respostas dos próprios trabalhadores ao “chamado” da empresa. Eis uma imagem com a escrita dos trabalhadores em resposta ao telegrama da Finobrasa.



O que nos parece dizer estas “respostas” dos trabalhadores? A forma da escrita revela uma comunicação direta, uma fala para o chefe (Flávio Meneses), argumentando os motivos da paralisação e a continuidade da greve. Reforça ainda a luta por direitos como aumento salarial. Mais intensamente, parece apresentar reações pontuais contra a “opressão” hierárquica do chefe, que segundo vimos na narrativa de Tarcísio Araújo, prometera “pisar no pescoço” dos trabalhadores. É possível esta interpretação ao ler as afirmativas escritas no próprio telegrama enviado pela Finobrasa, chamando os grevistas ao trabalho, com promessas de não descontar os dias parados. A resposta de um trabalhador é: “se der aumento, eu volto” e “só volto quando pisar no meu pescoço primeiro”.

Comentar a situação de trabalho, a realidade dentro da fábrica e, em seguida, falar da conquista dos trabalhadores em se organizar e reivindicar seus direitos, é uma estratégia de narrativa do Antônio Ibiapino, que se coloca como protagonista neste processo. Conta a história do sindicato, a sua presença em conjunto com os demais trabalhadores para mudar a realidade do chão da fábrica. Toda sua narrativa tem um profundo significado na reflexão sobre as experiências dos trabalhadores em seu pro-

cesso de autoconstituição, pois demonstra o processo vivido, a participação de todos. Desta forma, o “resultado” dessas lutas foi o fato de vencer a eleição para a diretoria do sindicato, assumir a entidade e enfrentar as dificuldades. É ele quem fala a respeito:

Antônio Ibiapino: Ao começar nossa luta no Sindicato, nós tivemos muitos problemas, primeiro porque muitas empresas quiseram suprimir os pagamentos do salário. A fábrica Finobrasa não permitia sindicalização, aí nós fizemos um trabalho de mobilização muito forte. Neste período, também já tinha sido fundado a CUT (Central Única dos Trabalhadores), aí a gente começou a ter contato com todo mundo, do movimento de esquerda e fomos, então, organizando o sindicato. Indo na porta da fábrica soltar um panfletinho, um jornalzinho todo mês, ou então com mais frequência, na época de campanha salarial, fizemos núcleos operários na fábrica. A fábrica Finobrasa não aceitava que ninguém se associasse ao sindicato.²⁵

Pode-se perceber a partir do depoimento de Antônio Ibiapino um processo de envolvimento dos trabalhadores com suas próprias reivindicações e o sindicato, que de alguma forma se tornou mais presente no cotidiano. Vale considerar que esse período é de ascensão das lutas sociais. Os trabalhadores de várias categorias se mobilizavam em todo país. O Sindicato dos Trabalhadores Têxteis em assembléia decide filiar-se à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Em busca de explicitar a pluralidade de experiências e narrativas, há que se considerar o envolvimento e a ação de alguns trabalhadores de forma direta na greve, a partir da motivação do sindicato e, de forma simultânea, é importante também conhecer aqueles trabalhadores que em certa medida, por motivos vários, não concordam ou não participaram do processo da greve.

Com essa perspectiva, vale conhecer a narrativa do Sr. Geraldo Ferreira, que mora no bairro do Bom Jardim, periferia de Fortaleza, possui vinte e seis anos de trabalho na Finobrasa e, no momento, está no processo de documentação para a aposentadoria, pois para ele, “já passou do tempo de aposentar”.

Ao falar de sua situação atual, aguardando a aposentadoria, este trabalhador remete à situação da fábrica quando lá chegou em 1981 e faz forte denúncia das condições de trabalho naquele tempo, em especial a falta de material de proteção que é garantida por lei. Quando indaguei ao Sr. Geraldo Ferreira sobre o seu local de trabalho, eis o seu comentário:

Eu achei muito quente e poeirento, mas aí eu fui me acostumando... Hoje eu nem ligo mais pra negócio de poeira, né. Que tem hora, por causa do pó, que escurece, ninguém vê nada. É, eu acho mais ruim a poeira, a poeira. Porque quando a gente termina de alimpar as máquinas, você sai, é numa sala assim, dentro escurece tudo dentro. Agora tá melhor, né, que tem menos máquinas rodando, mas quando eu entrei lá eram muitas máquinas, a gente fica suado, sujo.²⁶

A trama narrada pelo Sr. Geraldo Ferreira unifica seus primeiros dias de trabalho ao que enfrenta hoje na espera da aposentadoria. A maneira de ver suas primeiras experiências na fábrica remete diretamente ao “atraso” da aposentadoria. Aponta as irregularidades do trabalho como responsáveis pela sua condição hoje:

Geraldo Ferreira: No começo lá onde eu trabalhava, quando a gente terminava de soprar naquelas máquinas, a gente escarrava chega saía poeira, essa máscara que a gente tem agora são melhor, ninguém escarra não, mas tinha uma máscara lá que não prestava não, quando a gente saía fora, pra lavar a boca, escarrando só saía poeira na garganta da gente. Era uma máscara véia laranja... Era pequenininha, essa agora é grande de silicone, essa ninguém engole poeira não, só se tiver mal amarrado, mas se tiver bem acochadinha. Pois é, aquela mascarazinha ia lá pra nós e ela ficava velha, ficava dura, né, você amarrava, mas quando você terminava a poeira saía da garganta, só servia pra você engolir poeira, mesmo tendo a máscara. Aí onde eu trabalho, por causa da poeira, tem óculos de proteção. É isso aí que mata a gente, é por isso que eu não to aposentado, é por causa disso. Pra gente se aposentar, se complica por causa disso né, por causa disso eles bota lá nos auto tudim, aí... Eles botam como se tivesse usado o abafador desde quando entrou lá, só que não usava né. Eu queria ver eles trabalhar numa sala dessa, diabo daquela máscara, engole poeira ainda. Aí agora pra se aposentar, tá complicado.

Ao ser indagado sobre sua participação na greve, eis o que fala:

Telma Bessa: É o senhor acompanhou a greve na Finobrasa?

Geraldo Ferreira: Eu passei só oito dias fora, foram em casa me chamar, eu voltei, mas teve uns que passaram vinte e três dias.

Telma Bessa: E aí, porque o senhor voltou?

Geraldo Ferreira: Porque nessa época eu tinha feito umas prestação, de umas coisas pra casa que eu tinha comprado, aí eu digo: “se eu sair, como é que eu vou pagar essas prestação?”. É eu tinha comprado um bocado de coisa pra casa, Era conta alta que eu tinha feito, eram duas compras grandes pra casa, aí eu digo: “se eu sair, vai ser pior pra mim. Que eu vou ter de pagar de uma vez”.²⁷

Para **Tarcísio Araújo**, voltar ao trabalho e “furar a greve” era muito fácil, mas não compensa:

Quem quiser voltar era só telefonar, que a Kombi vai pegar, tinha várias Kombis, as peruas, né, aí ficava: rapaz eu moro no Conjunto Ceará, venha me buscar aqui, amanhã. Aí o carro ia buscar lá, aí eu, entendeu? Tinha gente que inclusive dobrava turno, pegava de seis às duas, ele fazia de seis às dez, muita gente, muita gente fazia era se gabar: rapaz foi a época que eu ganhei mais dinheiro. Isso era os furão de greve, entendeu? Que tava lá dobrando turno e ganhando esse dinheiro, só que não compensa, né, esse dinheiro, que a saúde dele cada vez tava ficando mais pior, porque oito horas dentro de uma empresa daquela já é ruim, imagine 16 horas, né.²⁸

As notícias e lembranças da greve estão presentes nas histórias que os trabalhadores contam ao se reportarem ao trabalho hoje. Assuntos como relação com chefia, salário, hora extra são abordados por eles estabelecendo uma relação a partir das conquistas da greve, como é possível perceber na fala do Sr. **Geraldo Ferreira**:

Mas naquele tempo era bom, que a gente chegava e falava bem dizer com o dono, que era o Menezes, que tomava de conta, e hoje em dia? A negrada mesmo fazia reunião com o Menezes que era o chefe... Que era quem tomava de conta da empresa. E vá ameaçar agora de greve, vê se ele não bota pra fora. É se for falar em greve pra

eles lá. Aqui, acolá, a negrada fala da greve de 23 dias, quem trabalha lá na retorsão. Telma: E por que, essa greve está na memória das pessoas?

Geraldo: É porque ela nunca tinha parado, nesse ano ela parou, né? Nesse ano ela parou, parou completo mesmo, geral. Aí depois, foi que foi voltando um bocado, devagarzinho, né, aí eles foram, pegaram uns novato, aí voltou. Mas a maior parte só voltou mesmo com vinte e dois, vinte e três dias, por aí assim, parou a fábrica inteira.²⁹

A maneira como Geraldo Ferreira, Tarcísio Araújo e Antônio Ibiapino relembram suas experiências nos leva a pensar nas formas diferenciadas e ambíguas de viver o chão da fábrica, de sentir a exploração do trabalho. Os diversos depoimentos demonstram que a memória da greve de maio ainda está presente, de maneira única, para cada trabalhador. Em um primeiro momento, pode-se pensar que esta greve, por ser “arregimentada” pelo sindicato, teve fôlego e atingiu somente os trabalhadores mais engajados. Mas, à medida que se vai analisando as narrativas dos oito trabalhadores entrevistados que falaram de suas experiências, percebe-se um tom crítico, uma idéia de concordância com o movimento, apesar do medo, das ameaças de demissão e até mesmo a não adesão à greve. Enfim, a ambigüidade, a incerteza e o medo são sentimentos presentes em todo o processo; leva-nos ao que THOMPSON (1998) observa: *A identidade social de muitos trabalhadores mostra certa ambigüidade. É possível perceber, no mesmo indivíduo, identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde.*

No diálogo com estes trabalhadores, observei que através de suas memórias são contadas histórias significativas do local de trabalho, da greve, da expansão da greve e da participação dos operários. A pluralidade das narrativas, as diferentes experiências dos trabalhadores demonstram a constituição destes, as diversas maneiras de viver e interpretar o vivido e esta dimensão deve ser explicitada no sentido de potencializar, perceber a riqueza das narrativas desses sujeitos sociais. Após vinte anos, vale pensar a pluralidade de motivações em fazer greve ou não, pois, em certa medida, muito contribui para problematizar e demonstrar a heterogeneidade das vivências e dos conflitos frente à exploração no cotidiano da fábrica e a organização de uma greve que contou com cem por cento de adesão nos primeiros dias.

Nessa perspectiva é possível entender esse momento vivido pelos trabalhadores de forma múltipla, buscando não “enquadrar” ou cristalizar as ações desses, como “dependente” ou “exclusiva” da ação do sindicato. Implica em repensar a forma de ver os trabalhadores, descrever e interpretar suas narrativas, buscando compreender a cultura desses sujeitos sociais, ligados ou não ao sindicato, mas todos participantes (com maior ou menor intensidade) da greve de 23 dias.

NOTAS

¹ Em março de 2007, fui contemplada, com uma bolsa recém doutora, Modalidade DCR nível C – concedida pelo CNPQ/FUNCAP/UFC, sob a supervisão do Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

² FIUZA, Elizabeth Aragão. *A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950*. Coleção Estudos Históricos – NUDOC – Projeto História do Ceará, UFC, 1989.

³ ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. *O feminino na sombra: relações de poder na CUT*. Fortaleza, EDUFC, 1998.

⁴ BACELAR, Tânia Araújo. *Herança de diferenciação e futuro de fragmentação*. Estudos Avançados:

- 5 ALBUQUERQUE, Nazareno. Distrito Industrial – 40 anos – Maracanaú – Ceará s/d
- 6 PIRES, Inácio J. B. A mulher no mercado de trabalho. Perfil socio econômico. Fortaleza: SINE/CE. 1995.
- 7 MONTEIRO Filha Dulce, CORREA Abdack. BNDS 50 anos – Histórias Setoriais. Indústria: O complexo Têxtil. Dezembro de 2002.
- 8 MASSUDA, Ely Mitie. Inovação na indústria têxtil brasileira - 1983-1999. Tese de Doutorado, USP, 2002.
- 9 FERREIRA, Marieta M. de e AMADO Janaina (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- 10 HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos*. v. 1 Lisboa: Presença, 1973
- 11 CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.
- 12 PORTELLI, Alessandro. *Tentando Aprender um Pouquinho*: algumas reflexões sobre a ética. na História Oral. Projeto História, nº 15, São Paulo, 1997.
- 13 Fundo com título: Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda constando periódicos, folhetos, cartazes, fotografias, materiais cartográficos e tridimensionais catalogados, livros catalogados e documentos microfilmados.
- 14 SANTANA, Marco Aurélio. *Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990*. In: Jorge Ferreira; Lucília de Almeida Neves Delgado (org.). *O tempo da ditadura: Regime Militar e Movimentos Sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro (IV-Brasileira, 2003) *O Brasil Republicano* v. 04.
- 15 Câmara de Deputados, SEDOL - seção de documentos legislativos, unidade CEDI – centro de documentação e informação, coordenadoria de arquivo.
- 16 SALES Telma. *Trabalho e reestruturação produtiva. O caso da Volkswagen se São Bernardo do Campo/SP*. Fapesp/Annablume, 2000.
- 17 THOMPSON. E. P. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 01, 2001 P. 13
- 18 FENELON, Dea. "Trabalho, Cultura e Investigação Social: Perspectivas de Investigação". In: *Projeto Histórico*, n. 4, SP: PUC, junho, 1985.
- 19 BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Coleção Descobrimo o Brasil).
- 20 Entrevista realizada na sede do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Fortaleza, em julho/2008.
- 21 Idem
- 22 Entrevista realizada na sede do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Fortaleza, em julho/2008.
- 23 Entrevista realizada em seu local de trabalho (escritório) em Fortaleza, em julho/2008.
- 24 Entrevista realizada na sede do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Fortaleza, em julho/2008.
- 25 Entrevista realizada em seu local de trabalho (escritório) em Fortaleza, em julho/2008.
- 26 Entrevista realizada em Fortaleza, em julho/2008.
- 27 Entrevista realizada em Fortaleza, em julho/2008.
- 28 Entrevista realizada em Fortaleza, em julho/2008.
- 29 Idem
- 30 THOMPSON. E. P. Algumas Observações sobre a Classe e "Falsa Consciência". In: NEGRO, Antonio. L.; SILVA, Sérgio (orgs.). *Textos Didáticos*. nº 10, 3ª ed., v. 02, 1998. p. 95-109.